

- Auionaria, geogr., 1059. Dipl. 256.  
 Auis, villa, 1271. For. Seda. Leg. 720.  
 Auizella, rio, 961. L. D. Mum. Dip. 25, l. 2,—Id. 41 e 56.  
 Aulfu, n. h., 1071. Doc. most. Pendorada. Dipl. 307.  
 Aumiro, n. h., 883. Doc. ap. most. Arouca. Dipl. 7.  
 Auogada, n. h. (?), 967. L. Preto. Dipl. 58.  
 Auogate, n. h., 1010. L. Preto. Dipl. 131.  
 Auoitoreira, geogr., 1220. Inq. 149, 1.<sup>a</sup> cl.  
 Auola, villa, 1009. L. Preto. Dipl. 129, l. 3.  
 Auoliz, app. h., 1059. L. D. Mum. Dipl. 261.  
 Auolo, n. h., 1003. L. Preto. Dipl. 118.  
 Auomar, n. h., 977. Doc. sé de Coimbra. Dipl. 76.  
 Auomari, n. h., 960. Doc. most. Moreira. Dipl. 49.  
 Auomariz, app. h., 1075. Doc. most. Moreira. Dipl. 320.  
 Auonazar, app. h., 1083. Doc. most. da Graça. Dipl. 373.  
 Auones, villa, 1059. L. D. Mum. Dipl. 262, l. 3.  
 Auorma, n. h., 1025. Doc. most. Pedroso. Dipl. 158.  
 Aural, geogr., 1220. Inq. 4, 2.<sup>a</sup> cl.  
 Auranca, villa, 1098. L. Preto. Dipl. 530.  
 Aureas, app. h., séc. xv. S. 170.  
 Aureiro, geogr., 1224. For. Murça. Leg. 600.

(*Continua*).

A. A. CORTESÃO.

## Archeologia Bracaraugustana


### Inscrições romanas.—Projecto de museu

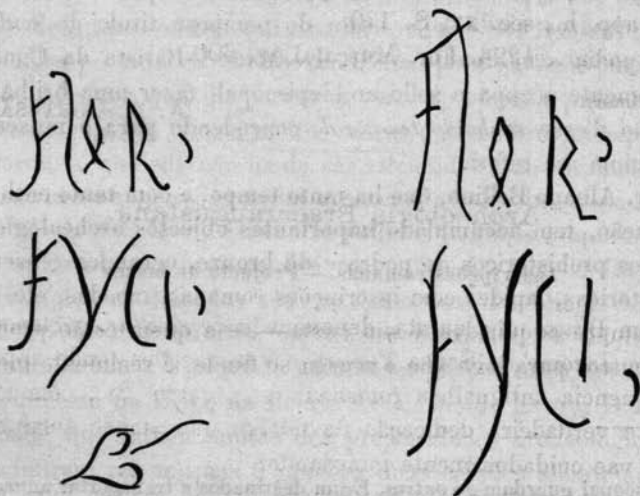
Ha em Braga uma quinta, denominada *do Avellar*, pertencente ao Sr. Vasco Jacome de Sousa Pereira e Vasconcellos, onde apparecem com frequencia antigualhas romanas, que aquelle Sr., com louvavel criterio, e verdadeira dedicação de fidalgo que ama o solar de seus maiores, vae cuidadosamente guardando.

D'estas antigualhas já o Sr. Albano Bellino, no seu livro *Inscrições romanas de Braga ineditas*, fez conhecidas algumas, taes como: a inscrição de Bloena Valabrigense, a de Salvio Athicto, a de Arquio e ainda mais tres fragmentos epigraphicos. Todos estes monumentos, bem como um trôço de estatua, duas aras e uma pequena mó, os tem o Sr. Pereira e Vasconcellos conservados na parede de um tanque do terreiro da sua casa, até que se funde o museu que o Sr. Bellino projecta fundar em Braga, para onde irão todos. Das duas referidas aras,

uma é anepigrapha e a outra é consagrada a um deus, e foi assim publicada n-*O Arch. Port.*, VIII, 46, pelo Sr. Bellino.

AMEIPICRI  
S A C R V M  
A · CRASSICIVS  
P A T E R N V S  
V · S · L · A<sup>1</sup>

As antigualhas referidas juntou ultimamente o Sr. Pereira e Vasconcellos tres cãleiros de barro, que tem esta secção:  <sup>2</sup>. Estes cãleiros tive occasião de os ver em Agosto de 1903 em casa do Sr. Pereira e Vasconcellos, na companhia do Sr. Albano Bellino. Dois d'elles estão providos de inscripções, o que os torna curiosos. As inscripções são iguaes uma á outra, só os caracteres differem levemente entre si; uma d'ellas termina em folha de hera. Ei-las (copiei os caracteres tão aproximadamente, quanto pude, da sua fôrma):



<sup>1</sup> Em novo exame que o Sr. Bellino e eu fizemos da lapide verificámos que a primeira linha é effectivamente AMEIPICRI; só a 5.ª letra apresenta em baixo uma curvatura que a faria tomar por B, se ella fechasse em cima (o que nos leva a crer que a lettra é realmente P). A 1.ª letra da 3.ª linha, que tomámos por A, está bastante apagada.

<sup>2</sup> Chamo-lhes cãleiros, por serem abertos em cima. Como estes, apparecem muitos em Braga, mas anepigraphos. O Sr. Bellino possui alguns; no Seminario

A altura das letras da 1.<sup>a</sup> inscripção é de 0<sup>m</sup>,07 e 0<sup>m</sup>,15; a das da 2.<sup>a</sup>: 0<sup>m</sup>,18 e 0<sup>m</sup>,75. As letras foram abertas com estilete, antes da cozedura do barro.

Como as inscripções dos cãleiros são iguaes, o Sr. Pereira e Vasconcellos levou a sua generosidade a prometter tambem um dos cãleiros ao Sr. Bellino, para o seu projectado museu, e outro a mim, para o Museu Ethnologico. O mesmo illustre Sr. já em 1902 me havia dado varias moedas romanas encontradas na quinta.

\*

Visto que acima falei no museu que o meu amigo Albano Bellino está empenhado em criar em Braga, accrescentarei que julgo isso da maxima importancia, e bem faria o actual prelado bracarense se para esse estabelecimento cedesse a sala do Paço Archiepiscopal em que estão installadas as bombas dos bombeiros auxiliares, as quaes podem ser facilmente installadas noutro ponto<sup>1</sup>. Porque é que certas pessoas, que estão collocadas em altas posições sociaes, e no caso de facilmente prestarem serviços assinalaveis, os não hão de prestar? Se os arcebispos primazes ainda hoje usam do pomposo titulo de *senhores de Braga*, podia sem duvida o Sr. D. Manoel Bâtista da Cunha, que presentemente occupa o solio archiepiscopal, fazer uma brilhante manifestação d'esse *senhorio temporal*, concedendo para o museu a sala a que acima me referi.

O Sr. Albano Bellino, que ha tanto tempo, e com tanto entusiasmo e dedicação, tem accumulado importantes objectos archeologicos (instrumentos prehistoricos de pedra e de bronze, ceramica e esculpturas protohistoricas, lapides com inscripções romanas, moedas, etc.), — objectos sempre adquiridos á sua custa —, e a quem estão promettidos muitos outros para logo que o museu se funde, é realmente merecedor

Archiepiscopal guardam-se outros. Eram destinados a transportar agua, e talvez pertençam ao genero que os Romanos chamavam *colliciae* ou *colliquiae*: vid. Rich, *Dictionnaire des antiquités romaines et grecques*, s. v., § 2.

<sup>1</sup> Esta sala fica junto da camara ecclesiastica. As bombas são apenas duas, que occupam pequeno espaço e que podiam, sem difficuldade nenhuma, ser removidas para uma das muitas outras dependencias do Paço Archiepiscopal. Pelo contrario, o museu ficava ali bem, e não se encontra de pronto outra accommodação razoavel para elle. Tudo se resolveria satisfactoriamente, logo que houvesse alguma boa vontade em quem tem poder para dar ao assunto a devida solução; e porque é que a não ha-de haver?

de que os poderes publicos, — e neste caso alludo em especial ao Sr. Arcebispo de Braga —, o auxiliem nesse nobre e patriótico intuito, dando-lhe casa conveniente para a installação de um estabelecimento scientifico que faz tão grande falta.

Braga, — a *dives Bracara* de Ausonio —, é um manancial de archeologia: alem dos marcos miliarios do Campo das Carvalheiras, que vieram do Gerês, encerra dentro dos seus muros, como pertença sua, herdada da epoca romana, muitos monumentos que convinha agrupar, para mais facil comprehensão e estudo d'elles. É triste vergonha que a antiga capital do Minho, que possui tantas igrejas, tantas irmandades, tantas instituições de character ecclesiastico, onde se celebram tantas festas e peregrinações religiosas, e onde, por outro lado, ha tantas pessoas illustradas, não tenha ainda nem uma sociedade archeologica, nem um museu. Isto contrasta com o que succede noutros paises civilizados, onde em quasi todas as cidades de certa importancia existem, pelo menos, colleções archeologicas, que tanto os nacionaes como os forasteiros apreciam e estudam. Em Portugal, mesmo, varias terras conheço, inferiores a Braga, que neste ponto lhe levam a palma: por exemplo, a vizinha Guimarães.

Havendo, por um lado, esta riqueza archeologica, e por outro um archeologo desinteressado e apaixonado, qual é o Sr. Bellino, que não pede subsidios pecuniarios ao Governo, nem para si, nem para o museu, e que só quer que lhe facultem casa apropriada para installar os monumentos que já tem, e muitos outros que em breve tempo conta reunir, porque é que elle não ha-de ser attendido? Tão raramente succede encontrarem-se pessoas assim apaixonadas e desinteressadas, que é, — não receio dizê-lo —, dever dos poderes publicos o aproveitá-las.

Na propria historia ecclesiastica tem o Sr. D. Manoel Bâtista da Cunha exemplo em dois dos seus antecessores, D. Diogo de Sousa e D. Rodrigo de Moura Telles, o primeiro dos quaes fez vir do Gerês as lapides miliarias, e o segundo as mandou dispor nas Carvalheiras; e tem-no tambem no Bispo de Beja e Arcebispo de Evora, D. Manoel do Cenaculo, que salvou muitas das preciosidades archeologicas que hoje se admiram nos museus d'aquellas duas cidades alemtejanas.

Um museu archeologico é tão util como uma escola, porque nelle se aprende a conhecer e a amar o passado da patria; e que serviço mais util póde um prelado prestar do que concorrer para o progresso intellectual dos seus diocesanos e do seu país, principalmente em Portugal, onde o geral da nação vive ainda em estado quasi semi-barbaro?